

Resenha

Book Review

MARCOS, Alfredo. *Postmodern Aristotle*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2012, 172p.

Deivide Garcia da Silva Oliveira

Doutorando pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) - Brasil
deividegso@gmail.com

Em geral, as vias percorridas para ler Aristóteles antes e a partir da primeira metade do século XX apresentam um Aristóteles que ou bem possui uma consideração coerente e unificada do cosmos e de pontos próximos/relacionados, ou um Aristóteles com perspectivas distintas a partir das quais questões fundamentais são abordadas, sendo esses dois tipos de abordagens opostas e autoexcludentes. Igualmente, costuma-se pensar a filosofia aristotélica exclusivamente dentro e a partir da antiguidade, evitando com isso o estabelecimento de uma relação mais viva entre a filosofia peripatética e alguns problemas da filosofia contemporânea.

Diante desse cenário é que o livro *Aristóteles Pós-moderno* do professor Alfredo Marcos vem se inserir de modo inovador e instigante, a fim de mostrar através de uma concepção multifacetária da filosofia aristotélica o porquê das dissensões acima mencionadas e, ademais, como o distinto filósofo estagirita ainda é uma grande fonte de contribuições para uma variedade de debates filosóficos atuais, os quais continuam a nutrir as aventuras entre pós-modernistas e/ou seus opositores, tal como alguns neoaristotélicos acreditam. A partir de então, cabe alertar que o autor não está preocupado em dizer qual a interpretação mais correta dos textos de Aristóteles, senão apenas defender que há uma forma de interpretar os textos deste de modo útil para alguns dos atuais debates em filosofia.

Nesta senda e por meio da abordagem de um leque de elementos distintos (tal como ao próprio Aristóteles parecia aquiescer), a referida obra inspira-se no modo como os recentes trabalhos sobre a biologia aristotélica têm influenciado o *Corpus Aristotélico* e, assim, trata precisamente de expor como após tantos séculos de estudos encontramos-nos atualmente em uma situação privilegiada para falar de Aristóteles e de como sua filosofia deve ser vista enquanto uma valiosa contribuição para os problemas da filosofia contemporânea. Para tanto, Alfredo Marcos recorre a alguns conceitos aristotélicos que, juntos e inspirados pelos trabalhos biológicos (capítulo 1), formam a ideia de que há no *Corpus* uma razão pós-moderna que é adequada para os tempos atuais da filosofia (e de outras áreas).

Dessa maneira, esses conceitos são: *phronesis* (prudência) tratado no capítulo 2; *aletheia praktike* (razão prática) tratado no capítulo 3; *episteme en energeiai* (ciência em ato) capítulo 4; *metáfora* (metáfora) capítulo 5; *homoiosis* (similaridade) capítulo 6 e por fim o par *mimesis-poiesis* (imitação-criação) capítulo 7.

Nas páginas introdutórias do livro, o autor expõe com muita precisão e qualidade não apenas o problema, a sua resposta e os argumentos que dão suporte a esses conceitos, senão também que fica evidente a importância de um elemento fundamental do pensamento aristotélico responsável pelos aspectos de flexibilidade e multiplicidade dados à sua filosofia, a saber, a noção de razão prática.

Tratemos agora cada parte do livro. Especificamente, no capítulo 1, Alfredo Marcos expõe uma perspectiva já bem aceita entre os neoaristotélicos sobre como os textos de biologia do estagirita influenciam o restante do *Corpus* e contribuem para uma interpretação pós-moderna do pensamento desse filósofo. Para tanto, ele aborda alguns trechos das obras de Aristóteles que tratam de *biologia* por meio de comentários que descrevem o *tom* que essas obras ofertam para um estudo pós-moderno do pensamento aristotélico, como a ideia de que seu objetivo não era classificar espécies, mas compreender cada coisa viva (*living-beings*) e para isso, ele testava hipóteses e teorias de modo empírico ou buscava a perspectiva do senso comum e também lia diretamente os escritos sobre o tema.

De todo modo, o mais importante neste filósofo era sua compreensão de que a forma para se estudar seres vivos era fazendo isso por meio da *prudência*, coisa exigida em qualquer ação investigativa humana que se pretenda séria em seus propósitos de pesquisa.

O capítulo 2, *phronesis*, tomará aqui a maior parte da resenha por sua importância, porém, antes de expor o posicionamento aristotélico da *phronesis* (prudência/sabedoria prática) e sua relação com o atual debate acerca da relação entre teoria e prática na ciência; cabe dizer que o autor traça algumas considerações sobre a noção de razão prática do ponto de vista científico desde a modernidade e, também, as consequências positivas e negativas que a razão humana sofre quando estritamente assimilada ao método científico (ex: as nossas decisões práticas não se resolvem apenas por recurso a algum método), concluindo que na contemporaneidade o abandono da certeza nas ciências só fez avivar ainda mais a discussão sobre resolução de problemas práticos.

Neste sentido, a linha seguida por Aristóteles dentro deste debate sobre a racionalidade da ciência afetará, de algum modo, os tópicos clássicos da filosofia como: racionalidade, bem e mal, justiça, relação ser e valor, objetividade e subjetividade do conhecimento. Por conseguinte e já dentro do tema, o autor afirma que a *phronesis* (virtude intelectual que guia o mero hábito para um hábito virtuoso e através da busca pelo meio-termo) certamente tem muito que contribuir dentro da atividade de pesquisa da ciência, pois a *prudência* proporciona aos pesquisadores uma *agência* investigativa guiada pela interpretação, modificação ou até mesmo violação e abandono da regra. Assim, a prudência favoreceria de tal modo uma pesquisa científica, que esta atitude (*phronesis*) daria à racionalidade da ciência modos para sempre buscar realizar a máxima peirciana (de que não se deve bloquear o caminho da pesquisa) e o princípio jonásiano (de que o bem-estar da humanidade deve manter-se acoplado a esse dever da máxima peirciana), fazendo com que a prudência aristotélica seja de tal modo que possa ser identificada com a racionalidade, na medida em que garante a proteção dos meios capazes de melhor contribuir para a solução dos problemas concretos surgidos durante a pesquisa científica. De fato, a *prudência* teria todas essas *vantagens* enquanto um valor epistêmico, tendo apenas uma única dificuldade, a saber e tal como Aristóteles mesmo diz, a difícil tarefa de ser alcançada.

O capítulo 3, chamado *verdade prática*, é uma espécie de consequência imediata do que foi desenvolvido no capítulo da prudência (pois em última instância a prudência busca a verdade prática) e marca um movimento a partir da noção de *verdade prática* para o conceito peirciano de *descoberta criativa*. Assim, esse capítulo irá traçar, especificamente e contrariamente aos modernos, como a ciência atual em vez de buscar a certeza dirige-se para a verdade, a qual também seria uma verdade prática, já que essa é a verdade própria da natureza da ciência e, portanto, fazendo da ciência uma atividade prudente, pois nunca sujeita a um método rígido que acabaria por conduzi-la (criativa como deve ser) para um objetivismo ingênuo e nem a um subjetivismo extremo que acarretaria uma irracionalidade. Desta maneira, mediada pela busca da prudência, a verdade prática quando empregada na ciência proporciona um tipo de conhecimento que, através das duas dimensões que a formam (a ação humana criativa sobre a realidade e certa imposição dessa realidade sobre a ação humana), viabiliza sua aplicação a diversos aspectos da ação humana. Destarte, a noção de verdade prática tal como vista aos olhos do prof. Alfredo Marcos negocia com os extremos da *identidade e da diferença*, lançando mão de uma coisa chamada *similaridade*, a qual nos permitiria um acesso mais amplo às nossas possibilidades enquanto uma espécie que conhece e quer conhecer, pois a prudência se orientaria por uma eterna postura de mantimento de uma mente aberta e, com isso, uma tal verdade prática que daí surgisse poderia ser entendida como a verdade de uma ciência em ato. No entanto e novamente, esse conceito ainda que excelente bússola teórica sofre com o percalço apontado por mim no último parágrafo acerca do capítulo 2.

Quanto ao capítulo 4, *ciência em ato*, o título já é uma referência às noções de ato e potência encontradas em Aristóteles e nele é visto que o modo como a ciência é muitas vezes concebida (puramente universal-abstrata e longe da vida dos homens) é fruto de uma má compreensão e, conseqüentemente, separação entre a definição de que o conhecimento da ciência seria apenas universal (científica) e que qualquer coisa que fosse um conhecimento do particular seria não-científico. Para tal resolução, o autor mostra como a verdade prática deve ser usada na aplicação de uma ciência em ato (que é uma ciência do individual, do aqui e agora, da atualização que está voltada para um caso concreto, sem perder sua universalidade). Neste sentido, o conceito da verdade prática enquanto uma noção que estimularia a atualização das habilidades humanas guiada pela prudência com vista a um caso P facilitaria o reconhecimento dos aspectos práticos da ciência e de sua inserção na vida humana, pois a ciência em ato é apenas a ação humana em ato e, por isso mesmo, não desconecta das nossas angústias, emoções e de tudo aquilo que nos cerca enquanto homens e enquanto indivíduos.

Por uma razão próxima é que as noções de metáfora (capítulo 5) e a de similaridade ou *homoiosis* (capítulo 6) entram no livro, pois primeiro elas não só nos ajudam, enquanto agentes cognitivos, nesse processo de atualização das potencialidades no tocante à nossa compreensão do mundo e das substâncias que nos cercam (visto que pela metáfora e pela similaridade estabelecemos de modo ativo as reais semelhanças entre as coisas); senão de outro lado que, a metáfora figura exatamente como um dos mais eficazes componentes de estímulo à reflexão para a concretização de descobertas e entendimento ou aprofundamento das pesquisas científicas (não por acaso Alfredo Marcos salienta a relação entre a metáfora e a noção de *descoberta criativa*).

Porém, há apenas um único empecilho para a concretização dessa descoberta criativa de modo adequado, a saber, que o sujeito cognitivo ativo faça isso pela prudência (*phronesis*). Por tal mesmo motivo é que Aristóteles não é contra o tropo ou qualquer tipo de variação sua (seja símile, modelo ou analogia), senão que exclusivamente quando isso não ocorre mediado pela prudência. Assim, se a metáfora e a similaridade não são bem usadas, elas nos confundirão.

Nessa mesma esteira é construído o capítulo 7 – *mimesis and poiesis* (imitação e criação), no qual fazemos basicamente uma única observação (embora não falte ao capítulo riqueza para mais), a qual nos pareceu mais essencial no capítulo, a saber, que a imitação tal como aqui foi posta, é mais do que mero plágio da realidade ou de parte dela, é um elemento fundamental a mais na aprendizagem e apreensão do mundo social e físico e, portanto, trata-se de um contribuinte para o convite de uma *poiesis*. A arte e a poesia (enquanto dois de tantos outros modos de imitação e criação) viabilizam diversos caminhos de acesso e investigação à realidade, tal como a própria ciência é (mais um caminho de perscrutação) e a metáfora pode facilitar essa tarefa ao negociar também com a *mimesis*, com a *poiesis*, mas sempre de modo que todas essas relações sejam mediadas pela prudência (em sentido grego e não latim).

Destarte, parece que o livro, de fato, traz uma contribuição muito significativa não só para os estudos de Aristóteles, senão também para a própria filosofia em geral, na medida em que alimenta o estímulo de se recorrer aos gregos clássicos para cuidar das questões contemporâneas.

Endereço/ Address

Deivide Garcia da Silva Oliveira
Universidade Federal da Bahia – UFBA
Campus universitário de Ondina
CEP 40170-115, Salvador – Bahia – Brasil.

Data de envio: 09-02-13

Data de aprovação: 08-04-13